

Rumo à vertigem

(uma colagem)

*“Sobre ti e diante de ti, não mais que vazio e deserto,
pois o vazio e o deserto te habitam”
(Hölderlin).*

PAULO CHUCK

S

ó a dor dos extremos. Só o que nos prende ao chão da história ou dele nos liberta. Só a atualidade e o absoluto nos importam¹.

Em ambos os casos, nada mais premente que falar da morte, cantar a morte, soletrar os vazios que a compõem, dor-a-dor, sede-a-sede. A morte, corte a sangrar no meu tempo, passaporte ao país do infinito. A morte—o outro lado do vento². O resto é literatura³.

Comecemos pela atualidade. Cumpre, contudo, recuar um pouco. E, ao fim da jornada, chegaremos ao ponto de partida, ao estuário da alma, cujo mar conheceremos pela primeira vez⁴.

Esta história não começa com “sou uma sombra, venho de outras eras...”⁵. Sequer com o pindárico “somos sombras de sonhos”⁶. Não, nenhuma sombra. Só luz. Começa sob o signo do otimismo. Nos começos, a ferida é invisível.

Plena Era das Luzes. E Kant a dizer que o homem deixa enfim sua menoridade e se

torna adulto⁷. A crença de haver desvendado os segredos do universo, natural e humano. A crença de, por meio da razão, criar um futuro cada vez melhor para todos. Crença, feito água salobra. Mata a sede no início. Depois, a sede dupla, tripla, a sede entranhada no sangue.

Mas bem que há motivos para otimismo: Newton descobre as leis que regem o movimento dos corpos. E são leis racionais. Mais que isso, são poucas leis. Abaixo da multiplicidade – a simplicidade. O múltiplo é aparência! O real é simples e apreensível pela razão. E depois de quase dois mil anos chegamos ao idealismo platônico!

Há mais motivos. Além da física, encontram-se leis gerais em campos vários. Dos sítios da economia, com Adam Smith, à esfera da biologia, com a teoria celular e a teoria da evolução (estranhamente, saber que viemos do macaco não nos trouxe humildade!); das plagas da política, onde se tem a formação dos Estados-nação (e pensar que, para Hegel, isso foi quase o ápice do desenvolvimento político e intelectual da humanidade!⁸) às conquistas materiais da Revolução Industrial, a razão humana viceja e impera. E vem a fé na ciência, no Progresso. E o ideal positivista, até na bandeira nacional!

PAULO CHUCK
é poeta e
cônsul-adjunto
do Brasil em
Houston, EUA.

1 E. M. Cioran, "Histoire et Utopie", in *Oeuvres*, Paris, Gallimard, 1995, p. 1.004.

2 Título do terceiro livro do autor; a ser publicado brevemente pela Ateliê Editorial. Cumpre observar que, ao longo deste ensaio, encontrar-se-ão inúmeras passagens ou alusões a passagens de poemas contidos no livro em tela.

3 Paul Verlaine, *Selected Poetry*, bilingual edition, Great Britain, Oxford University Press, 1999, p. 124.

4 T. S. Eliot, "Four Quartets", in *Collected Poems*, The Centenary Edition, New York, Harcourt Brace, 1988, p. 208.

5 Augusto dos Anjos, *Eu e Outras Poesias*, São Paulo, Martins Fontes, 1994, p. 3.

6 Pindar, *Complete Odes*, Great Britain, Oxford University Press, 2007, p. 75.

7 Immanuel Kant, "Resposta à Pergunta: o que É o Iluminismo", in *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*, Lisboa, Edições 70, 1988, p. 11.

8 A história seria, para Hegel, o processo pelo qual o Espírito tomaria consciência de si mesmo. Esse processo dividir-se-ia em três estágios: em primeiro lugar, o Espírito se conscientiza de si mesmo no indivíduo (a razão subjetiva); depois, atinge nível mais elevado de consciência na família, na sociedade e, então, no Estado (a razão objetiva). Por fim, alcança a fase mais elevada de autoconhecimento na chamada razão absoluta. Sobre isso, ver sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*.

9 Carlos Drummond de Andrade, "Alguma Poesia", in *Poesia e Prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, p. 80.

10 De acordo com Sigmund Freud, houve três golpes desfechados pela ciência no amor-próprio humano. O cosmológico, alijando o homem do centro do universo; o biológico, fazendo ruir a barreira entre os homens e os animais, e o psicológico, a que fazemos referência em nosso texto, destronando a racionalidade do centro da vida psíquica. Sobre o assunto, ver: Sigmund Freud, "Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise", in *Obras Completas*, volume XVII, Rio de Janeiro, Imago, pp. 171-9.

11 Com base na noção marxista de fetichismo da mercadoria, Georg Luckács, Lucien Goldmann, entre outros, desenvolvem a ideia de reificação a que a frase alude. Uma importante introdução ao assunto encontra-se em: Lucien Goldmann, *Dialética e Cultura*, São Paulo, Paz e Terra, 1991, pp. 105-52.

12 T. S. Eliot, *The Hollow Men*, op. cit., p. 79.

13 Na *Gaia Ciência*, no trecho de número 125, intitulado o "Homem Louco", Nietzsche apresenta pela primeira vez a morte de Deus como reflexo da derrocada dos valores tradicionais.

14 Ao final de seu livro mais conhecido, *As Palavras e as Coisas*, Michel Foucault descreve o que se convencionou chamar de "a morte do homem".

15 Carlos Drummond de Andrade, "José", in *Poesia e Prosa*, op. cit., p. 152.

16 T. S. Eliot, *The Hollow Men*, op. cit., p. 82.

17 Bertrand Russell, "Mysticism and Logic", in *Free Man's Worship*, New York, Longmans, Green and Co, 1919, p. 46.

18 Jaques Monod, *O Acaso e a Necessidade*, São Paulo, Vozes, 1971, p. 190.

19 Sobre o pensamento de Ilya Prigogine, ver, sobretudo: *A Nova Aliança – Metamorfose da Ciência*, Brasília, Editora da UnB.

Entretanto, esse mundo racional, ordenado, que necessariamente caminha rumo ao progresso; mundo explicado, em que o homem se sente em casa, pois que é seu senhor, começa a ruir. A festa durou pouco. Tinha uma pedra no meio do caminho⁹. Mais de uma.

Motivos para o fim dos motivos anteriores: a física quântica aponta que, abaixo do complexo, há mais complexo. Na biologia, as descobertas genéticas afirmam: somos filhos do acaso (sabemos, enfim, nossa origem!). As guerras mundiais demonstram que a política não é governada pela razão. A crise de 1929 indica que o mercado não é racional. Freud, na psicologia, atesta que o homem não é movido pela razão, mas pelos instintos¹⁰. A razão – mera crosta.

Tem-se o fim das utopias. Desaba o devaneio comunista. E o ideal capitalista coisifica o homem (o homem, no sistema que prioriza a mercadoria, verá as relações sociais regidas por leis econômicas e se transformará, ele mesmo, em mercadoria. Era previsível. O velho Marx avisou!¹¹). Sente-se na pele (do sonho) – a ditadura das leis de mercado é tão feroz quanto qualquer tirania.

Pelas ruas, massa de homens ocios¹² a dizer o que se diz, fazer o que se faz. E há inquisições modernas para os infratores. Há novas fogueiras, mais sutis, não menos violentas. Ah, esse admirável mundo novo! Desde o nascimento, uma vida pronta e vazia para se vestir. Pensamentos prontos e vazios para se pensar. E tudo benfeito, até pasteurizado. E o preço sempre acessível.

E se percebe que progresso material não é sinônimo de progresso existencial (os países ricos são campeões de suicídio! Campeões de salto a distância, abismo adentro!).

Tudo em que se acreditou na modernidade entra em crise. Nada, nenhuma das crenças que dominaram os séculos XVIII e XIX se mantém intacta no século XX. Nietzsche chama esse ruir de a morte de Deus¹³. Mas o super-homem não veio. E, pouco depois, Foucault anuncia a morte do homem¹⁴. E tudo fugiu, tudo mofou¹⁵. Agora, só o absurdo. Só o deserto, onde o

silêncio não tem fecho e a solidão sobe lenta os degraus do sol. E o fim não chega com uma explosão, mas com um lamento¹⁶...

Sim, tudo ruiu, tudo mofou. O frágil ofício de erigir o efêmero. Agora, o jogo é outro. Diz Bertrand Russell: "[...] apenas sobre os alicerces firmes do desespero inarredável poderá ser construída, daqui por diante, a morada segura da alma"¹⁷. Quem afirma é um filósofo e matemático. Gente séria. Não um poeta. Que contraste com o otimismo kantiano! Vê-se bem que a Era das Luzes já era! O homem não é mais que produto casual e temporário da natureza cega e sem propósito, um habitante da errância. "Somos ciganos às margens do universo", diz Jaques Monod¹⁸. Cito um cientista. Gente séria. Não um poeta. A Verdade fragmentou-se em verdades. Partiu-se o Eu em infinitos eus (já o sabia genialmente Pessoa, antecipando o caos). Rompeu-se a sociedade em miríades de grupos, com infinitos subgrupos (adeus à tentativa de se encontrar a verdade como construção social!). Agora, só desconstrução, em meio às solidões justapostas, sem rosto e sem nome.

Depois da queda de Deus; depois da queda dos novos deuses que se buscou edificar – o Homem, a Ciência, a História, ídolos com pés de barro – vem Prigogine com a teoria do caos¹⁹. Mas já não é tempo de teorias. Nada é mais objetivamente verdadeiro. Para todo enunciado, existem argumentos suscetíveis de provar que uma visão alternativa é igualmente boa ou até melhor²⁰. Agora, pão ou pães é questão de opiniões, como ensinava quem tudo sabia dos grandes sertões da alma²¹.

Primeira intervenção de São Tomé: meu filho, que exagero! Prove isso tudo! Pois bem. É só ver as estatísticas dos casos de suicídio, depressão, alcoolismo, violência; o número de viciados em droga, de guerras, etc., etc., etc. É só ver para crer. Mais ainda: é só ver as elevadas vendas dos livros de autoajuda, que apontam não só para a terrível necessidade de ajuda, mas para a impossibilidade de obtê-la de outrem. É só ver o mal-estar na civilização. É ver para crer. É ver que a chamada alegria – esse riso (nem trinca o

silêncio), essa dança frenética dos corpos sob a luz a pique dos postes – é apenas a primeira máscara do desespero. Pois é fácil tomar o movimento agônico dos braços de quem se afoga por um aceno feliz. Por isso, há que se ver bem. (Mas convém lembrar, caro santo, que algumas coisas são mais bem vistas com os olhos fechados...)

E nas artes (pergunta meu coração; porém meus olhos não perguntam nada²²)? Nas artes, nenhuma estética ou poética, nenhuma regra, como em tudo mais. E como dizer o vazio que se instaura? Dois caminhos: o grito e o silêncio.

Não me venham com objetos estéticos! Erro duplo. Primeiro, não há arte isolada da vida. Segundo, não há mais estética. E tudo que é sólido se desmancha no ar (por razões outras das que Marx queria²³). Quem intuiu a insânia que chegava e se espalhava feito vírus foi Joyce, dizendo com seu *Ulisses* o desmoronar de Ítaca, anunciando o fim do Romance (e o fim de tudo). Prefiro, entretanto, seu amigo, Beckett, a dizer a tragédia, o patético e o desespero a que estamos condenados.

Na pintura, não Mondrian, só Pollock. No primeiro, o traço limpo, exato, preciso no mundo sujo, inexato onde a única precisão é a dúvida. Não e não! O desespero de Pollock, as tintas lançadas nervosa e histericamente sobre a tela, isso diz do seu tempo e do homem do seu tempo. E tampouco Picasso. Nas primeiras fases, sim, ainda impregnado de dor e tristeza e abismo. Sua “mulher passando roupa”, que retrato da solidão humana! Depois, honrosas exceções como o magistral *Guernica* (descreve mais que o bombardeio de uma cidade. Todos os bombardeios do espírito!). O resto, embora trazendo forma original, perdeu o senso do trágico, ou seja, a conexão com a vida e com a morte. Não, fico com Francis Bacon, com suas postas de carne no lugar de homens e seus estudos para uma crucificação.

Só o grito e o silêncio. Só eles falam de nosso mundo, melhor dizendo, de nosso caos. E, para ambos, as imagens, as metáforas! Só elas soe-tram a dor do grito e do silêncio. Mas há diferenças: para o silêncio,

palavras desossadas²⁴, tênues, finas como a escultura de Giacometti. Mas ambos com a mesma força. *Platero*, do Jimenez, é tão forte quanto o “Uivo”, do Ginsberg. O vazio e a tristeza se dizem a palo seco ou molhado. E o seco não é mais contundente. Só parece ser²⁵.

A leveza é tão pesada quanto a pedra e fere como esta. Até mais. Quem tem olhos que veja: a cor evanescente dos pontos cortando a retina e a alma; a terrível ternura que desespera! (Observação: no canto a palo seco do João Cabral, me aparece uma rima, tão molhada, de “lento” com “vento”²⁶! Tenha paciência, João! Mas foi canonizado. Sua segunda morte. Mais doída que a primeira.)

O vazio que apontava na curva do caminho, era isso o que cantavam simbolistas, expressionistas, surrealistas, dadaístas e até futuristas (estes, embora cantassem o progresso, traziam o desespero nos silêncios entre as palavras). Era o vazio que chegava. O vazio que os decadentistas viram, esse vazio que veio e se instalou na alma²⁷. E daí não sai. Feito posseiro. E o vazio que erigiu tais movimentos prossegue. Em verdade, é maior. Pois o vazio cresce.

Estranho que as caravelas da perda, da noite, do silêncio não chegassem direito ao Brasil. Busca-se novo Pedro Álvares Cabral! Urgente! (Penso em poucos grandes poemas no Brasil anunciando o pós-modernismo, como “José”. Sim, a pergunta ainda ecoa. E agora? Para onde marchamos?)

Estranho que Trakl, Artaud, Celan, Bachmann, Bernhard, Plath e Cioran (e a lista cresce como o vazio) pouco ecoem na Terra de Santa Cruz. E mesmo Rimbaud, tão citado (se bem que citar em francês, como todos sabem, não tem a mesma dignidade de citar em alemão), mesmo ele não fez escola. Quantos das terras onde canta o sabiá ousaram passar uma temporada no inferno, a sentar a beleza nos joelhos para sentir seu gosto amargo²⁸?

Mas, mesmo sem se ouvir, transborda a ausência entre nós. Mesmo sem tais ecos, um nada fomos, somos, seguiremos sendo, florescendo, a rosa-de-nada, a rosa-de-ninguém²⁹.

20 Essa ideia é defendida principalmente pelo historiador e epistemólogo Paul Feyerabend, que passou a ser mais conhecido do público brasileiro pela obra *Contra o Método*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.

21 Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006, p. 5.

22 Carlos Drummond de Andrade, “Alguma Poesia”, op. cit., p. 70.

23 Conhecido trecho do “Manifesto Comunista”, em que Marx e Engels descrevem a revolução desenvolvida nos meios de produção e nos valores pela burguesia.

24 Gilberto Freyre, “Casa Grande & Senzala”, in *Intérpretes do Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992, p. 435.

25 Cf. verso final de “A Palo Seco” (João Cabral de Melo Neto, “Quaderna”, in *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994, p. 251).

26 Cf. estrofe 3.3 de “A Palo Seco”, op. cit., p. 249.

27 Com relação aos movimentos de vanguarda do fim do século XIX e início do século XX, ver capítulos I, II e III de: Gilberto Mendonça Teles, *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*, São Paulo, Vozes, s.d.

28 Arthur Rimbaud, “Uma Estadia no Inferno”, in *Prosa Poética*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1998, p. 132.

29 Paul Celan, “La Rosa de Nadie”, in *Obras Completas*, Madri, Editorial Trotta, 2004, p. 161.

Essa é a morte em vida do meu tempo. E nela há também a morte por fome a cada dia, a morte por emboscada³⁰. Mas agora – por dentro. Na alma. Sobre isso escrevo. Só isso. Sobre o que mais poderia falar? Cheguei tarde, como sempre. Cheguei depois do naufrágio. A parte que me cabe: anotar destroços.

Mas sigamos, agora, para o absoluto, lá para o alto mar da noite. Outra margem da mesma vertigem.

Pois falar do absoluto é falar da morte, nossa essência, nossa marca de nascença. Pois para partir viemos. Para partir e ver partir. Só para isso. E, de adeus em adeus, nos dissipamos e damos perfume mais fraco³¹.

Não, da vida, nenhuma grande lição: só aprender a morrer e a deixar morrer, até que a dor já não doa e a faca do olhar já não corte. E a cabeça mais baixa e uma estrela apagada na frente.

Em cada gesto, cada som, o nome da morte. Nos pátios riscados de sombras; na água dormindo em fundas cisternas – um gosto de morte. A morte do corpo, a morte da alma (esta antes daquela); a morte da palavra, a morte do silêncio; a morte própria e a alheia. E a lembrança vestida de olvido; e os sonhos a morrer também (a morte do que nem vida fora); e, ao longe, niquelado de lua – o mar morrendo...

Observação – erro platônico (passado de geração a geração): as sombras, ao fundo da caverna, são mais reais que as formas, lá fora, lá longe, que as projetam³². Na verdade, só a sombra é real. Só a morte. Única tragédia fora da qual não há tragédia. Única verdade. Mas a verdade nos assenta feito roupa alheia. Apenas a superstição é feita à nossa medida³³.

Segunda intervenção do Santo. Agora, dando conselhos (vãos), como todo santo: meu filho, por que tu não falas da vida, da beleza da vida, das cores da vida. Por que não falas mais da vida? Resposta, há muito repetida, e nunca ouvida, como o lamento (sempre o mesmo) das ondas do mar: eu falo da vida ao falar da morte³⁴. Saber-se vivo mais não é que se saber morto³⁵.

Veja, velho Santo, todos adentram a noite. Comandantes, comandados, eminentes

homens de letras. Estadistas, burocratas, presidentes de comissões, industriais e empreiteiros, todos adentram a noite³⁶. E o poder é apenas fuga para o alto. A tentativa de se tornar semideus e se libertar da condição humana, isto é – da morte. E os *reality shows* são fuga para baixo. Busca desesperada, não de aparecer, de desaparecer, tornar-se mercadoria visual e, enfim, se libertar da condição humana, isto é – da morte.

Terceira intervenção do Santo, que perde sua santa paciência: meu filho, se pensas apenas na morte, por que não te matas? Resposta, mais repetida e menos ouvida que a anterior: a morte não é escolha racional, é condição existencial. Habita regiões extremas, os cumes da alma, os subterrâneos do espírito, aonde o intelecto não chega jamais. Não, ninguém está a salvo do suicídio. Nas altas febres da alma, ele aflora na frente enferma. O homem que tomba e toca o avesso da vida mora ao lado, nosso amigo, vizinho de alma, a quem confiamos nosso “não”, à meia-voz³⁷.

Sim, só falo da morte, do irreparável, da catástrofe inarredável, da ferida que não sara, nem por fatores políticos, econômicos e sociais ou por decreto da administração pública. O suicídio, único problema, única questão³⁸. O resto é filosofia.

E para falar da morte, apenas duas formas: o grito e o silêncio. (E, se discordarem, repito: pão ou pães é questão de opiniões. Por que razão há de ser minha opinião mais errônea que tudo quanto os filósofos pensam e as religiões ensinam?³⁹)

Eis minha morte e vida, morte em vida, minha sina, mais difícil que a severina, pois não se trata de acabar com a seca do Nordeste, mas acabar com a seca da alma. E a morte não tem idade, está sempre a nascer. E a morte não tem lugar, brota em todo solo, fértil ou erodido. Morte – ferida que une atualidade e absoluto. Corte que nos une, hipócrita leitor, meu igual, meu irmão⁴⁰.

Senhoras, levantem a barra das saias, pois vamos atravessar a vertigem⁴¹. Senhores, tomem fôlego. A sombra a pino cansa. Mais que o sol.

30 João Cabral de Melo Neto, "Morte e Vida Severina", op. cit., p. 172.

31 Rainer Maria Rilke, *As Elegias de Duino e Sonetos a Orfeu*, Porto, Editorial Inova, p. 40.

32 Sobre o assunto ver o Mito da Caverna descrito no livro VII da *República* de Platão.

33 Giorgio Manganelli, *Hilarotragoedia*, Rio de Janeiro, Imago, 1993, p. 33.

34 Thomas Bernhard, in *Trevas*, Lisboa, Hiena, 1993, p. 36.

35 Giorgio Manganelli, op. cit., p. 35.

36 T. S. Eliot, "Four Quartets", op. cit., p. 185.

37 Giorgio Manganelli, op. cit., p. 34.

38 Albert Camus, *O Mito de Sísifo – Ensaio sobre o Absurdo*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 13.

39 Fernando Pessoa, *Ficções do Interlúdio. Poemas Completos de Alberto Caeiro*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, p. 48.

40 Charles Baudelaire, *As Flores do Mal*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p. 100.

41 Introdução de William Carlos Williams ao poema "Howl" de Allen Ginsberg (in *Howl and Other Poems*, San Francisco, City Lights, 2006, p. 8). No Brasil, o texto tornou-se mais conhecido graças à tradução da editora LPM, *O Uivo, Kaddish e Outros Poemas*, que traz também o texto introdutório de William Carlos Williams.

livros